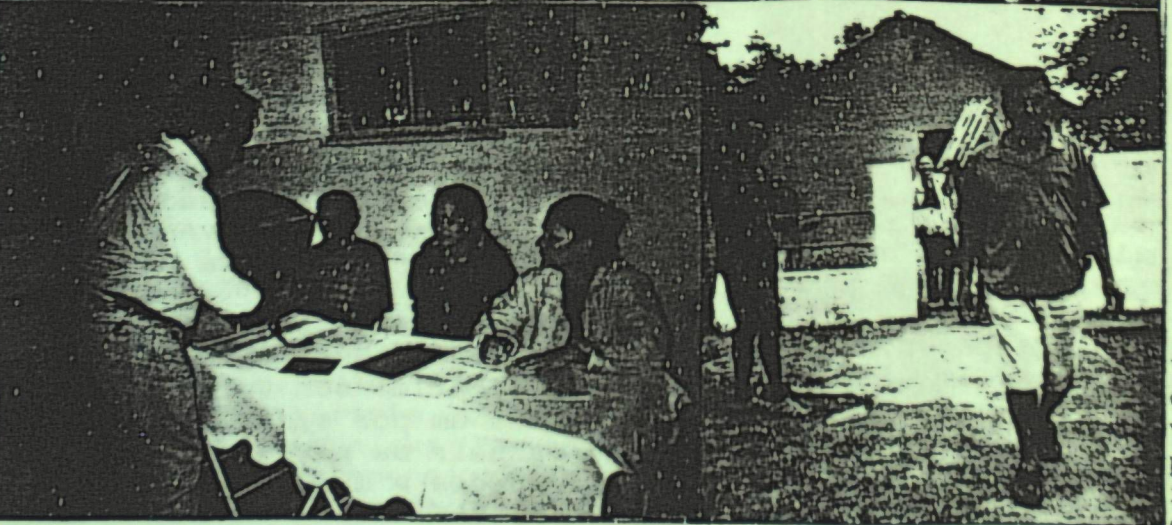


ANGRA DOS REIS - ILHA GRANDE - VILA DOIS RIOS, em 03/10/03

VILA DOIS RIOS
ENTRE A FESTA E A ELEIÇÃO



Primeiro foi a Festa Julhina no dia 26/07/03 e no dia seguinte a Eleição. A animação foi feita pela Chapa I, estava fora dos padrões oficiais da Chapa II. Não houve protesto à organização que acabou por decidir o local dos quiosques.

-INTRODUÇÃO

A Vila entre a rede de Problema contra a luta em vão.

Nas comunidades localizadas, ainda em desenvolvimento é, natural e inelutável, que ao lado dos avanços, coexistam cenários e posições variadas de entendimentos carentes, imperfeições, desequilíbrios, divisões e outras manifestações comuns da má distribuição dos bens, e da informação, e que gera com isso, a injustiça social entre a comunidade. Dentro desse contexto, porém, é perfeitamente possível distinguir - entre os exemplos compreensíveis do atraso, impostos pelas insuficiências econômicas, materiais e

administrativas do vilarejo, e tudo aquilo, que podemos considerar como expressões de uma aberração, que chega a agredir os atributos éticos e humanos da pequena sociedade, motivo maior desta eleição em termos modernos. É quando o subdesenvolvimento, assume as características

| INDICE | PAGINA |
|---------------------------|--------|
| DIA DOS PAIS | - 11 |
| MOVIM. FINANCEIRA AMVDR | - 13 |
| A ESCOLA SOBREVIVE, CRISE | - 14 |
| PRESIDIO C. DO CASTIGO | - 16 |
| ECO-MUSEU | - 18 |
| RECLAMACAO | - 20 |

de um período, atrás, quase anárquico, e selvagem do processo civilizatório.

Vamos às ilustrações da posição que estamos expondo: Se temos uma rede de problemas, estes dias não foram de desespero, então já não estaremos falando das mazelas naturais do subdesenvolvimento e, sim de alguma coisa que já penetra o terreno das Campanhas da Eleição.

- O motorista Ezequiel Ferreira, concorrendo a sexta posição pela Chapa I, das Eleições Comunitária da Vila Dois Rios, estava visivelmente emocionado ao carregar a semana inteira no ônibus os moradores da Vila e, familiares que vieram votar no dia 27/07/2003, para eleger a Diretoria do atual mandato, infelizmente, a oposição não perdoou, dizia que a bandeira que levava era algo totalmente eleitoreiro, o descaracterizando, com sua força comunitária fora de proporção no período da referida campanha.

O povo, digo, morador não quis saber de absurdo, o presidente da sua chapa, Nuno Nunes, panfletou, logo, a vila com o anúncio, das festividades prometendo, que fariam uma festa independente de questões eleitorais, era um evento normal como outro qualquer de época, isto logicamente foi a chave da inteligência, em função de uma ocasião em prol da Vila Dois Rios, que no dia 26/07/03 aqui estaria em sua maioria, o povoado com seus filhos, reunidos para um tão esperado momento, bi-anual. O presidente Nunes contou que a festa era para todos de uma, e de outra chapa à fazer antes da eleição da Associação de Moradores.

O PRESIDENTE DA CHAPA I RECEBE ELOGIOS PELA INICIATIVA

Mas isso não altera a alegria dos organizadores, comunitários, com a colaboração vindas de diversas fontes, como a da Administração da Vila, na pessoa do Sr. Dan e D^a. Luci. A barraca da pescaria foi oferecida por algumas pessoas da comunidade, entre elas, a D^a. Marilda e D^a. Edna com muitos brindes. Como dádiva à Comunidade o Ilm^o Sr. Vereador Fiote enviou um remessa de bebidas. Mas a barraquinha que fez o maior sucesso na festa, foi a de milho cozido, oferecida pela Cantina do JSPCM, especialmente, oferecida pela dona Tereza. Naquela noite muita bebida foi servida a todos, acompanhada de salgadinhos e doces. A distribuição foi a moda antiga, sem nada cobrar do folião.

Só se viu mais aplausos, depois de haver cessado uma rodada de música e brincadeiras, quando a turma de alunas(o) da UERJ chegaram e, deu-se início a

exibição da quadrilha julhina que, estava sendo esperada lá pelas 23h, foi mais um momento de levantar a poeira do chão, no terreiro formado e enfeitado próximo da Casa da Pesca, cujo, estava toda linda, pintada e, também, iluminada e com uma enorme cobertura de lona nos fundos, junto ao chuveirão, num improvisado para a festa onde os convidados podiam ficar sentados ao abrigo, que esteve lotado com cerca de uns 30 casais. O terreiro só tinha um espaço vazio que, era preenchido pelas fogueiras a medida que, as mesmas eram acesas. As crianças, também, foram muito prestigiadas com as brincadeiras e brindes da barraca da pescaria que, depois de fígado o brinquedinho corriam à guardá-los num lugar qualquer e continuar aproveitando a brincadeira, e se divertindo com o devanio da noite no meio do público, elas pareciam que a muito - esperavam pela oportunidade.

O contrast veio com a noite empurrada pela claridade das luzes que, eram enviadas a todos o lados desprovidos de limite, no espaço (claro-escuro), impossível filmá-lo com amplo aproveitamento do fundo bisonho, a rondar como o monstro no mar profundo a nave, por isso recebeu bem de perto a repercussão dos críticos à escolha do horário em local ermo.

Depois das barracas montadas com palha e bambú fino, ao lado do organizador da festa julhina da Vila de Dois Rios, Nunes, declara oficialmente inaugurada a 2ª festa no local dos quiosques, a primeira deste ano que, contou com uma boa repercussão interna da própria Vila e participação e as simples brincadeiras, que, coroou de êxito o ano de 2003.

Acredita-se que, as pessoas que já passaram pela direção da Associação saíram bem do sacrifício para organizar um evento como esse, numa alusão que se faz, às críticas construtivas, cujo, a Vila recebeu quanto à falta de estrutura para tal...

Apesar disso tudo a festa foi amada e por isso animada. Muita gente no local curtindo, o ritmo com curiosidade a moda de cada um por exemplos: na iguaria que ia sair da panela, pela decoração, atividades e musicas. Em fim. Com moças e rapazes ditos os "filhos da terra", levando a namorada(o) para conhecer o arraiaá.

- E a vibração agora?

Aos jovens de 16 à 20 anos ou pouco mais, em nesses casos os primeiros casais à por o bonde na rua e fazer parte da noite de baile.

Muita gente dessa faixa de idade pisou o terreiro da Festa Julina prepara

da pelo Nunes, onde estava um gostoso som romântico para dançar agarradinho.

Um taco de xodó lá se via, alguns casais adolescentes, uns visitantes, e outros, moradores daqui mesmo, para ninguém botar defeito, requebravam o corpo e, seguravam a onda da paixão simbolicamente no coração, sob muitos olhares da plateia até a rua. Si embalaram neste ritmo até altas horas da noite do dia 26 para 27 de julho de 2003 e, depois, ainda, para complementar o êxtase, pela vila afora se foram, lá pelas cantinas à procura de vinho e cerveja e dança ao som do arrasta pé na base do forró que, tomou conta, do resto da noite.

A ELEIÇÃO

No dia seguinte um sol anêmico, coado pelas nuvens baixas no N.W. (noroeste), deixava um pouco fria aquela manhã de fins de julho. A natureza permanecia abundante. O verde que não era muito verde, das matas nas montanhas de pedras já estava, novamente, mais forte, agora um verde escuro. Ficava turvo-opaço com lacunas esbranquiçadas, em muitos trechos, oriundos das camadas do vapor condensados na semana. Envolto na gase tênue da cerração que se esvaia lentamente, a Vila Dois Rios parecia maior, dentro do vasto acidente cercado por serras. De longe chegava o barulho e a fumaça da toyota na carruagem da comitiva ou quase isso e de quando em quando um quebra osso saía, isto é, um abraço com gesto de vitória num apertão estrepitante sobre as costelas magras.

Era a hora da "onça beber água" o início da eleição!

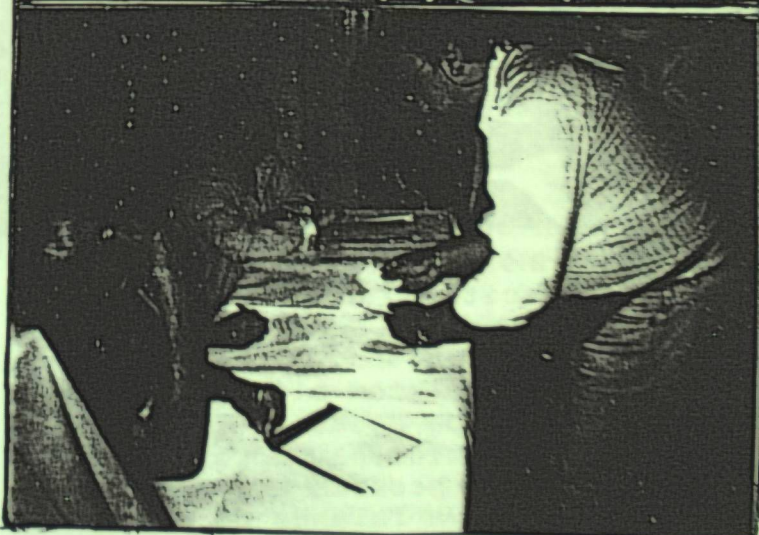
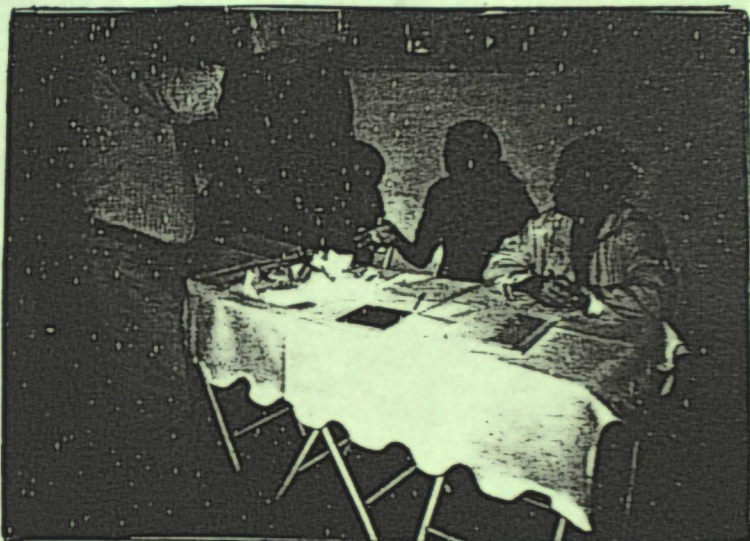
Chega e desce da viatura o Sr. Luiz, o chefe do Comam - estava ali presente nas eleições, novamente, da Vila Dois Rios. Mais uma vez este senhor alto e forte, calmo e corajoso, sábio e teimoso não mede esforços à comparecer na Associação de Moradores da Vila Dois Rios para fazer a eleição ser eleição, realizada sem qualquer desvio a regra.

Esteve ali o dia todo recebendo o pessoal para votar, cujo, fazia-se passar em fila indiana perante os mesários para tirar dúvida, qualquer, e assinar o livro. Quando, exatamente, era 15h e 10 do dia 27 de julho de 2003 enserrou a votação e preparou-se a apuração da urna, trazida por ele lá de Angra dos Reis e nela colheu os preciosos votos, esteve até naquele momento instalada no final do salão, da pequena sede situada no nº 03 da rua Rio Grande do

Norte nesta Vila; logo a seguir neste cair da tarde o velho conselheiro desta comunidade, passa à uma série de explicações complicadas e, talvez, por isso devidamente necessárias aos representantes de chapas concorrentes do pleito, aos fiscais e mesários que, pareciam terem pouca dúvida, mesmo assim dizia-lhes que, - respondendo perguntas quase funestas:

- "Votos válidos, nulos e brancos?"

Respondia ele mesmo - nestes casos as dúvidas - seriam tiradas pela intenção do eleitor, na hora da marcação, correta seria no quadrinho correspondente na parte central das cédulas, nas costas não valia, seria voto nulo, e, brancos - nos casos de encontrar cédulas sem marca ou rabisco, assinatura ou nome, bem como qualquer sinal deixado pelo eleitor, em qualquer parte daqueles papeis".



Quando ele terminou de falar já havia virado a urna de boca para baixo e sobre a mesa entornado um monte de votos à vista de todos os presentes ao ritual da apuração.

Começa a separar um-a-um voto, o primeiro foi para a chapa I e, continua

ali minuciosamente separando todos. Depois passou a contagem de cada montinho formado, correspondente a uma e outra chapa: Chapa II 29 votos e Chapa I 49 votos. Em branco 01 (um) voto e nulo não teve. Somou-se um total de 79 votos sobre a mesa. Conferiu com o mesário que tinha a listagem e um mapa assinado pelos votantes de um total de 109, logo se concluiu, que outros trinta eleitores, que deveriam comparecer não viera para esta eleição de 2003.



Passa o senhor Luiz, a ditar o relatório final citando apenas o nome dos cabeças de chapas, a quantidade de votos de cada uma. E dar por encerrado o processo eleitoral com algumas recomendações do prazo da posse de investidura do cargo dos eleitos. Pois, bem parece que algumas pessoas ali já sabiam que, ele estava falando da insatisfação pessoal, que, pode ocorrer nesses casos e impugnar uma eleição.

Quase 4h da tarde, na rua central da vila a viatura que, levava a todos inclusive o Dr. Luis, dava uma volta de despedida na pista de saída, o grupo atrasado ultimava os movimentos da partida, rumo ao Porto, que aguardava no Abraão.

À altura da partida da Comitiva restante do grupo de moradores concorrentes de chapas mantinham-se nervosos, vibrátil, em palestra gritada no bar da Eliane, onde alguns grupos iriam comemorar, que, por certo seriam os campeões da Eleição da Associação de Moradores da Vila Dois Rios para o biênio 2003/2005.

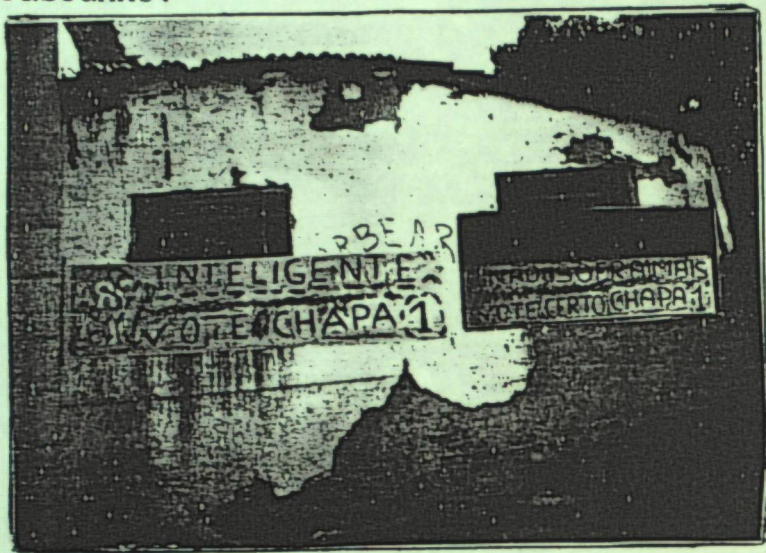
A COMUNIDADE E A DISPUTA

Fica aqui, a cada ano de eleição, uma nova esperança traz. Vestida pelos novos representantes numa nova indumentária. Todos estavam cheios delas e vitórias, pelos prognósticos a Chapa I deveria mesmo levantar a bandeira da Associação. Tinha gente mais experimentadas. Mas a Chapa II, bem como os anexos de outros carnavais passados não se deixariam levar simplesmente por tais possibilidades, e mantinham-se dispostos a uma disputa renhida. Ademais, as pessoas procurariam, com os conhecimentos individuais adquirir formas de representar a Vila na Comarca do Município de Angra dos Reis.

Eu em alguns momentos estive aquém dos candidatos. Sentia-me orgulhoso com a câmera na mão. Fazia os movimentos, mecânicamente, seguindo o presidente eleito.



Na minha cabeça só uma idéia prevalecia; registrar o momento alto da história. Para isto não media esforços. Já havia clicado mais da metade da matéria que eu vinha fazendo de um flagrante e outro. Nos dois últimos dias que antecedia as eleições aproveitava pelo menos, uma hora, antes de dormir para fazer apontamentos do que não me era possível nos instantes de comentário geral. Firmava detalhes de conversa e propaganda eleitoral e adiantava o meu rascunho.



A PAUTA

Um item da proposta da Chapa II chamou muito a minha atenção, dizia assim: "REGULARIZAÇÃO DAS CASAS: LUTAR COM, OU ATÉ MESMO, SEM A UERJ, PARA A REGULARIZAÇÃO DAS MESMAS"...

Esse paradoxo "COM, OU ATÉ MESMO, SEM" soou-me aos ouvidos uma velha fábula que se diz comentário de um Santo e o Pai, quando um inquiriu ao outro, resposta teve:

- Com que privilégio brindas aquele lugar da ilha chamada Vila Dois Rios, em relação ao restante da Ilha Grande?
- Falou o Pai: "É verdade!" - "Por lá não se conhecerão balas perdidas, assaltos, latrocínios, sequestros e outros.

... Em compensação, vocês vão ver que tipo de gente eu vou colocar ali."

Enquanto o noticiário local se dividia entre um lado e outro falando de minhocas, rã, mariscos e brotos, nos vimos, nós, sufocados pela enxurrada de palavras em torno das ameaças à legalidade que se estariam concretizando nas práticas já tradicionais dos sem-propostas para a legalidade das casas. Ou nos discursos de suas lideranças, onde se buscavam os ditos e os não ditos como forma de justificar incriminação à aquelas criações.

Ora! Unir. Unir foi muito comentado. Daqui pra lá e de lá pra cá. Mas ninguém sabia por que unir. Unir sim, para reinar é a engenharia que se queria chegar a comunidade na aquelas falas de esperanças para construir, talvez, a história das lutas, lutas sociais que não para nunca, quando um povo, menor que seja, quer encontrar os seus próprios caminhos. Eu entendi assim aquele item complexo, motivo de comentários que ninguém sabia definir.

Estou errado se entendi assim? Volto a repetir, porque não é menos repetitivo o ritual dos que, desde o início da gestão Mary Conceição da Silva Costa, parecem não compreender que o problema das casas não é a atuação - dos que buscam casa para morar. A falta de atuação consecutiva que é o problema - é que dar margem à aqueles que, com força de seu status social e econômico, surrupiam áreas públicas ou simplesmente grilam, justamente, as terras ocupadas através de várias gerações, ocupadas, por moradores humildes que ocupam efetivamente estas casas ou não como posseiros, herdeiros do que sobrou do imenso pavaado do presídio e que ficou por aí jogada por dois anos como fossem grandes territórios de tribos indígenas. Aqueles silvestres que foram massacrados na época passada pelo "branco civilizador." Aí está a origem, talvez, da propalada "REGULARIZAÇÃO DAS MESMAS," conforme dizia lá naquela chapa II.

Na verdade soa bizarro na gente essas coisas, pelo menos que tal não passe aos olhos e ouvidos de algumas de nossas cabeças, pensantes e escreventes em nesses termos truncados, grande parte delas, em seu tempo de grilhão, ouviram em frequência emocionada das leituras do "Comandante de Ordem" do governo, por luxo, quem mandava era o Dr. Leonel de Moura Brizola e Nila Batista, da proposta do termo de posse definitiva do imóvel. Hoje estão aí, transformando em porta-vozes de desanimo de esquecimento que leva ao nada.

Por que não empenhar suas forças para que se concretize, o mais rápido possível, a única proposta comum a todos nas chapas desta vila; pendente em tudo, o morador candidato por direito-a-posseiro? "Ah, mas não se trata de morador! São, na verdade, os "turistas" dos centros urbanos que se deslocam para o lazer, criando instabilidade nesta questão social". E daí, caros confrades? Não são os refugiados nos centros urbanos, exatamente aqueles que no processo de desativação e reorganização, conservaram a demanda deste lugar, foram arrancados desta localidade distante para serem socorridos nas cidades - único lugar em que seus familiares fugiram das miseráveis falta de estrutura - por faltar tudo: transporte, educação, saúde, vestiário, abastecimento de gêneros e etc., que lhes permitam continuar forte na luta do teto da comunidade para viver com liberdade.

Que coisa melhor poderia haver para a Vila Dois Rios (Colônia), do que resuscitar uma parte ao menos da falecida proporcionalidade dos idos anos 90, em que 70% a 100% da população viladoisrioense viviam em busca do caminho, como forma de reorganização da retomada da nossa luta, comunitária? Já se deram, senhores, conta do que isso representaria em reinserção social e diminuição da acomodação na pequena vila? E, o que isso representaria em termos de combate ao desânimo, com simultâneo crescimento na implantação de pequenos projetos.

Aos indignados de hoje, sugiram-os a íntegra, estudo e leitura dos projetos sociais das Chapas eleitorais deste

ano, onde a "I" apresenta um pouco acomodada. Até para aprenderem o que mostram de repetitivo na utilização dos argumentos contra os moradores. As próprias bandeiras destas chapas estão aí, texto de fácil leitura, até para os impacientes, que congrega um conjunto de falas feitas, atentem, nos estranhos a Vila Dois Rios, mostrando-a si, proposta dos dois grupos em concorrência eleitoral - o papel deletério dos inimigos que trabalham contra o bem nesta região. Mostrando como as terras e ... públicas caíam em mão das grandes instituições, e da força de lei que essas têm, determinando proibição e punição a esse ou aquele trabalho mecanizado ou artesanal na terra de que se lhe opõe.

Tenho certeza de que, após esse pequeno esforço, muitos de nós encontraremos razão para desenvolver a força comunitária não sobre as instituições, mas sim sobre políticas, contrárias e provocantes, que se constituem em principais baluartes de defesa da manutenção do perverso status - que resulta em grande parte numa corrente migratória que nós atolamos em busca de trabalho e viveres em outras regiões, entre elas cita-se: Angra dos Reis, Mangaratiba, Itaguaí, Rio de Janeiro, Niterói e outras regiões. E estas mesmas instituições proíbem a bem dizer, organizar implantação de meios de vida na terra, despovoada acabam concentradas em verdadeiros latifúndios. Talvez, por aí, encontramos os caminhos e meios de contrariar a citada ressalva da fábula do Santo e o Pai, para que a Colônia se transforme em verdadeiro cenário de fidelidade.

A POSSE NO DIA 13/09/2003

NUNO NUNES tomou "posse formal" como presidente da Associação de Moradores da Vila Dois Rios

Foi dada no Centro de Convivência da Vila Dois Rios aos novos integrantes da Diretoria, reorganizando para mais um período de 2 anos, com novas idéias em que, a comunidade acreditou e, hoje compareceu para prestigiar o início da gestão.

É natural da região e morador da Rua Pernambuco Nuno Nunes, muito bem votado na eleição para presidente comunitário, conquistando o 3º mais votado, se comparado aos vencedores de todas as eleições, assumiu o cargo na AMVDR-IG (Associação de Moradores da Vila Dois Rios - Ilha Grande), neste último dia 13 às 12:30 horas.

Ele já bastante constrangido, não hou

ve grande oratória, falou apenas ressaltando os problemas internos, sempre colocado ao centro da mesa organizada com autoridades representando os diversos seguimentos da sociedade, como: o Ministério Público, o Legislativo Municipal, a Segurança, a Defesa Civil, o Meio Ambiente, a Sociedade de Bairro e a Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Para iniciar a sessão foi feita uma abertura protocolar convidando a todas as autoridades a ocupar os seus lugares na tribuna, seguida da leitura da planilha pelo presidente.

Após o prazo decorrido de 20 dias, pas sou a pretender a direção da casa, com muita cautela, Nunes começa definitiva

mente seu trabalho como presidente empossado, justamente, 50 dias depois de

Pereira de Almeida.



A Problemática da Vila

Consiste quase toda ela no transporte de passageiros, gêneros, alunos para a Escola Municipal Brigadeiro Nóbrega, pacientes ao Posto de Saúde no Abraão e professoras da Escola Estadual Padre Júlio Maria nesta Vila Dois Rios, uma vez que elas residem no bairro de Abraão, por falta de um veículo de boas condições mecânicas. Tomando-se por base a inoperância do veículo "um velho toyota" que, a

eleito. O óbice da posse estava em Mary, a antecessor do cargo que hoje, até acreditamos não pôde comparecer e nem nos mandou representante, nem tão pouco preparou os documentos, para passar oficialmente neste Ato. O que nos tornou muito estranho, arrasador de juízos, digo mais, humilhante para ambos os lados, após retardar o máximo e além disso, nem mesmo passou a documentação, de Atas anteriores em Livros. Conclusão: ficaram faltando os preparativos que, consumaria o ATO da POSSE o que era a sua obrigação, direta ou indiretamente através do senhor Moisés, legítimo por direitos e extra-oficial por que não foi decisão da Assembléia como o Poder máximo. A Conta Corrente da Entidade, no Banco, pelo que sabemos, a deixou acéfala e bloqueada, isto é, com certa anormalia por extravio do cartão magnético. Para resolver essas pendências disse o presidente - no dia 20 de agosto ter viajado à Angra dos Reis para mais uma tentativa de acordo junto ao Comam, resultando na marcação da data de hoje, para a posse constituída da seguinte forma:

Presidente: Nuno Nunes Ferreira Silva
 Vice Presidente: Antônio M. de Barros
 Sec. Geral: Elaine de S. Ferreira
 D. de Fin.: Lupércio de Albuquerque
 D. de Eventos: Arlene dos S. Lopes
 D. de Pol. Públicas: Ezequiel Ferrira
 D. de Pol. Sociais: Heleno Paula Silva
 D. de Esportes: Edir Vigílio de Lima
 Con. Fiscal: Juçara Carvalho F. Silva
 Celi Bulhões de Oliveira e Júlio Cesar

mais de um mês encontra-se quebrado sem peças para reposição. E quando colocado no tráfego depara-se com um outro problema - muita gente com pouco espaço neste veículo que, só cabe 14 pessoas, contando com o condutor e, sem falar nos volumes de compras que, são feitas pelos moradores em Angra dos Reis, acabam tomando o espaço como fossem, também, passageiros.

As estatísticas que são todos os dias feitas a tarde na Associação brigam com os números - e isso não é de hoje. O presidente Nunes na cerimônia da Posse da Diretoria, confessou que não sabe como trilhar a questão. De toda forma, uma solução altamente está sendo tomada, o que conta, com a hipótese de ser resolvido junto ao Poder Municipal, e com isso espera trazer de volta em ação o toyota. Mas, que a melhor solução é mesmo a substituição.

Os Discursos

Quarenta pessoas, calculadamente, compareceram à solenidade, para ouvir as palestras recheadas de "idéias", com inspiração de Campanha para reforçar a iniciativa da Administração do Sr. Nunes. De implementar o "trabalho com a adesão da Comunidade". São colaborações desta natureza que poderão reverter, disse o Sr. Francisco, o atual e vergonhoso quadro de carência social na Vila. Comprovadas pelas autoridades que, somos nós aqui hoje presente a citar: Vereador Elias José Rabha (Fiote) Presidente do Legislativo de Angra, Coro-

nel Enéias Quintal, Major Maurício, do Batalhão Militar de Angra, Ten. Jacson Comt. do Destacamento de CBM da Ilha, Chefe do Salvamento Marítimo Sr. Costantino, Exmº. Sr. Promotor de Justiça Dr. Murilo, Dr. Francisco Representante de Classe da Secretaria de Justiça, Sr. Diretor do IEF e Sr. Administrador Dan do Campus de Pesquisa da UERJ.

As observações eram aleatórias, quase não houve discurso específico, falava com carência de números, não sendo tal vez, o que se esperava para aquele dia do senhor presidente Nuno Nunes Ferreira da AMVDR, ao mesmo tempo que manifestava a sua adesão ao "Trabalho" árduo que virá pela frente, mesmo assim demonstrou, afirmando depois, não ter conhecimento administrativo da repartição que acaba de assumir, começa tudo denovo. Vamos crescer com as experiências vitoriosas de componentes da Diretoria é, previsão para o resto deste ano e chegar fortalecidos no próximo período. Vamos usar o "Projeto do Cerco no Mar" para melhorar a receita. Normalmente o conjunto: "métodos e medidas" trás para o longo do tempo um melhor desempenho da função.

O Cel. Enéias enfatizou a sua experiência administrativa no Presídio e na 4ª CIPM enfrentando todos esses problemas da Vila, com as dificuldades do lugar, idênticas as de hoje, citando o ano de 1960 como referência da sua convivência com a questão social atípica da Vila. Logo a seguir falou o Dr. Francisco, de início endossando as palavras do Cel. Enéias, depois mostrou-se muito desenvolvido ressaltando a importância da educação, saúde, saneamento básico, e etc. como direito do cidadão, passivos até de um "levante" para reivindicar e, o transporte é uma extensão. Se coloca a disposição desta Diretoria e prossegue por mais alguns minutos citando paradigma amparado pela "Carta Magna". Agora seus argumentos estavam bem receiosos. Foi sintético e preciso. Referindo ao emprego do dinheiro do cidadão pelo Poder Público. Lembrou de citar como exemplo a pesquisa nesta Vila Dois Rios através da UERJ. Toma a palavra o Sr. Vereador Fiote nos dando sinal de novos tempos, pelas diversas vezes como Presidente da Câmara aceitou comparecer a Vila. E mais uma vez aqui estou para trazer todo o meu apoio à comunidade na solução dos diversos problemas. O Major Maurício, também, fala da melhor maneira como colaborou - no transporte da Vila e deixa aos moradores este serviço. O Ten. Jacson justificando a

sua chegada ao povoado da Vila, seus argumentos foram direcionados à atribuição que, lhe trouxe ao Comando daquele Destacamento e colocando, desde já a disposição para colaborar com o serviço de transporte nos seus impendimentos e, emergências outras como para a consulta médica. O senhor Diretor do IEF meio embaraçado disse que está procurando se integrar com a comunidade, assim como por certa ocasião conheceu o Cel. Enéias no BF. Onde ia buscar atingir um objetivo claro que ainda não conhecia bem, as situações são, mais ou menos, parecidas com a da Vila Dois Rios. Pouco depois a palavra foi cedida ao último orador inscrito. O Administrador citado na qualidade de representante da UERJ no Campus Universitário: apresentou-se o Senhor Dan imediatamente. Pela maneira atingia somente a tribuna, deixava claro que, conhecia bem as situações como aquelas que foram citadas na mesa. Logo mostrou indiscutível dificuldade na arte de administrar a questão envolvente (Uerj-comunidade), melhor do que a fez, mas, que as intenções da Retoria são, somente, a de ajudar. E, muito embora dispõe de pouquíssimo meio, mas vai colaborar com a Associação no que puder.

Neste momento, o presidente Nunes tirou do bolso a sua caneta esferográfica de alça dourada para assinar o "Livro de Presenças Formidáveis" no lugar da ata da Sessão. Apreciou igualmente os convidados, prosseguiu no momento de abraços no campo da confraternização, pegando agora a palestrar com muito desvelo a causa comunitária. O presidente de Classe da Secretaria de Justiça manifesta-se inconformado, com a existência de descaso aos direitos constitucionais.

Com a simpatia de sempre, o presidente Nunes depois conversou por algum tempo com os seus convidados. Confessou otimismo e a certeza de que "fará o que os outros não fizeram".

Mais tarde, à saída do ônibus, alguém lembrou de elogiar a sua camisa grená brilhante. O presidente neste momento deu meia-volta e, com um largo sorriso, hesitou um pouco para afirmar que aquela era uma modesta homenagem ao tempo juvenil, que na véspera havia se selecionado para naquele dia usar. E com um pormenor: "Ao entrar no Salão Social do Centro de Convivência, o seu coração leva uma pitada de apoio por essas bandas". Foi só. Mas, foi de mais!"

de 2003
seus

DURANTE O-ALMOÇO
Entrevistas e Comentários

*Que espera fazer, ou já está fazendo, como Diretor de Políticas Públicas?

- Para Ezequiel Ferreira "A grande arte é sempre unir e animar".

Desde o Cassino, Centro Social Nestor Veríssimo que o nome "Maresia" se afirmou na união através dos encontros caracteristicamente festivos comunitários, como um ficcionista diferente. Sua linguagem ganhou um ritmo novo, suas programações virão com propostas de vida diferente de 15 ou 20 anos atrás comum. Com o tempo sua especialidade só fez aumentar a experiência. Agora, que está empenhado em outra temporada e responsabilidade (um cargo chamado Política Pública), terá uma atividade livre da que a ocupou durante os últimos anos, de funcionário público militar.

não têm mistério.

*Como vê o desenvolvimento de uma política para o esporte na Vila Dois Rios neste momento?

- "Tudo". Edir Virgílio de Lima, fazia menção de sintetizar neste pronome indefinido, todos os seus objetivos nos próximos dois anos, mas foi impellido na minha intervenção, ganhando uma distribuição da visão que, recaiu sobre a quadra de futebol, com sua obra de reforma e o material de esporte como: redes, bolas, vestuário e fez questão de frizar -, organizar o esporte e as áreas de lazer infanto-juvenil, como complementar à prática em diversas modalidades igualmente proveitoso, é acompanhar o que a crítica mais exigente tem dito, ao longo de uma década de queda da

qualidade recreativa. A respeito desse Diretor obstinado, cuja atuação tem se destacado por um traço inconfundível: a dedicação firme de cada uma vez na função, fez com que algum material de esporte pelo que pareceu-me, fora salvo-guardados.

*Você como Diretor de Finanças da AM o que recebeu, da Diretoria que está saindo, quais os documentos, livros e importâncias receberam?

- "Nada". A resposta do Lupércio foi esta, seca e imediata. Até agora nada recebemos, vamos começar tudo do zero. Não recebemos nenhum fundo, no banco nem aqui da Associação. Levantamento que fiz no banco indica que existem C\$ 1.122,00 broqueado, o que nós vamos apurar.

Lupércio de Albuquerque, ao entrar para a Associação novamente, fala de si mesmo e sua obra ao longo de quatro anos de uma gestão passada. Autor dos maiores feitos em todos os tempos desde a Colônia Correccional do Distrito Federal até a Associação de Moradores, passa agora Lupércio a pertencer ao grupo de outros, dirigentes que integram a Entidade Comunitária, como agremiação da atualidade na organização da



*O que pretende fazer, ou já está fazendo, como Diretor de Eventos?

- "Festa, festa, festa".

Respondeu-me assim: Arlene dos Santos. Ela pareceu que está de mãos dadas com a comemoração de todas as datas festivas e cita: Dia da Criança, o Dia das Mães, Dia dos Pais e outras como os aniversários, cujo, farão um calendário para promover as festinhas desses tipos. Dona de uma linguagem instigantemente mágica, distingue-se Arlene por uma intensa alegria cultural. A magia de seu estilo é visível e clara nas respostas que deu nesta pequena entrevista, nela revelou seu talento no lidar com este assunto. As respostas, que deu à Redação da Vila, mostram-na diretora para a qual as festividades

Vila. Sua presença na Casa da Comunidade é a conquista definitiva de um membro que se tornou o símbolo dos novos tempos, em que a preocupação espiritual leva o habitante deste início do Século XXI a repensar suas prioridades. Sua resposta à minha pergunta é clara, direta e fiel a tudo o que seu feito vem significando para as suas dezenas de eleitores. Muito obrigado Lupércio. Pelo Transporte que aqui ajudou colocar em funcionamento - mal ou bem. A luta com as redes do cerco. Por enquanto é só o que eu posso citar para esta Edição em prol de um modelo teórico de um exemplar de seu tempo que, esteja atuante de acordo com as realidades do momento, que muito precisa de gente de coragem como você.

"O PRATO DO DIA":

FEIJOADA À MINEIRA, COM COUVE E CHICÓRIA: SUÍNO E BOVINO FOI O CARRO-CHEFE DA CASA, PREPARADO PELO ADALBERTO.

O velho centro Social Nestor Veríssimo, atual Centro de Convivência REITOR ANTÔNIO CELSO ALVES PEREIRA, inaugurado em 14/01/2002, tomou aspecto de um restaurante de primeira classe, com o seu mobiliário inteiramente novo. As paredes pintadas com esmero e livres de coloração aceitou o contraste do contorno final de madeira lá no alto. No fundo do Salão Social a copa e a cozinha, cujo, esta parte passaram a chamá-la de "Cozinha do Clube", colocaram-se hoje nela, grande equipe de cozinheiros, sob o comando do Mestre Adalberto com seus conhecimentos mineiro da feijoada que, foi servida pela dona Juçara e Arlene e, que cuidaram de tudo lá no salão.

Tivemos, assim um ambiente salutar e agradável para o almoço que pouco a pouco foi adquirindo ar de primeira confraternização, mais acentuada sob o ponto de vista social.

Este almoço da cerimônia da posse fora bem instituído no sábado, quando parte da sociedade aproveitou a folga, co pareceu à refeição. As autoridades passaram a servir livremente seus próprios pratos como se estivessem em casa, enquanto alguns acompanhantes formavam mesas separadas para integrar visitante e morador no convívio interativo.

E observava-se bem que não somente o visitante, como muitos moradores, aceitavam bem a idéia nova do presidente porque passava a Vila. No pátio, a chuva fina de setembro parava de cair e deixava as folhas finas da gramínea mo-

lhadas. O aspecto da vida salutar levada na Vila estampava-se naquele instantâneo-momento festivo. Na quadra desprovida do futebol, as pessoas aproveitavam e atravessavam-na, em arrojada discursão dos temas regionais mais evidentes na rua. Na calçada de paralelepípedos da frente, uma conversa animada de amigos. Destacável a parícia dos pares. De quando em quando, estancavam em paradas prosando, com as vistas voltadas para o salão e as pernas retizadas. Continuavam a caminhar e entravam na 2ª porta, do tipo antigo alta e larga, onde o movimento era menos intenso e as pessoas por ali locomoviam curiosas com a cozinha sob os grandes olhares que faziam o indivíduo circundar por perto do balcão da copa. Iam olhando e examinando as diferentes dependências, depois vinham sentar à frente da tribuna, naquele momento servindo de mesa para o lauto banquete.

Do meu lugar desenvolvia longa arenga na minha cabeça maluca acêrca do áureo passado do Clube. Era naquela hora confusa um mundo a parte. Isto principalmente, os habitantes, precisávamos compreender. Dentro daquelas paredes, gerações e mais gerações haviam-se passados para tomar parte ativa nas histórias da Vila. Havia o Clube produzido de tudo: Fartura à moda da antiga Colônia. E hoje nós viamos o Clube manter a sua velha tradição numa meia-tarde. Pouco antes de desativar o Presídio, há nove anos e sete meses, eram os guardas. Os donos desse lugar, que é referência de festa e comida farta e tradicional da Vila Dois Rios, se foi e o costume, que já existia com eles há 50 anos, acabou na Casa. Pode se dizer assim: A equipe de bons cozinheiros foi dispersa e hoje voltou um deles o Sargento Adalberto aos momentos padrões dos tempos do antigo patrão. O salão de sinuca que era pouco iluminado e de móveis pesados, é hoje a famosa copa com um ambiente muito mais refinado. Por isso, mesmo, tem seu charme. Os carros-chefes desta casa eram, é claro, a pedida mais tradicional da rapaziada, era quase inevitável o aparecimento dos apelidos irônicos para as nossas farras o que, pouco tempo depois, foi logo batizado de "Sapeca-Iaiá", principalmente no tempo do falecido Cabo Gilberto e depois, o do Cabo Almeida na presidência do Nestor Veríssimo os pratos com chispe. Tinha o picadão (cozido de legumes, com cebola, pimentão e batata) e a moqueca (peixe fresco do cerco ensopado com pirão e quisado de camarão). Ocasionalmente, entrava no

2003
le-
sa-

cardápio também o peixe com banana, em que o peixe é servido em cubos, com arroz, farinha crua no fundo da tigela,

caldo por cima e banana em pedaços cozida. Esmigalhados no prato encerram a refeição como se deve comer.

DIA DOS PAIS

Pai começa de uma forma toda especial e nunca mais termina. Começa deitado, começa de pé, na cama ou em qualquer lugar. Começa assistindo o parto, ouvindo o chorinho, olhando a troca da fralda, carregando depois o filho: no lazer, na rua, na escola, no trabalho. Aí começa a troca de palavras: papai, meu pai, pai, velho, infinito amigo que sorri, que chora, sofre ... e continua sendo pai.

A vida de pai é dura, mas nem sempre deve ser assim:

Por isso mesmo, mantêm o salutar hábito de promover comemorações aqui pelo menos 12 vezes por ano, ou seja uma vez por mês no mínimo, e, para isso criaram o chamado "Clube da Perua" que, atualmente é comandado unicamente pelo

Traz o alimento e assiste o filho comer, traz a roupa, o sapato, o remédio. Tem sempre um conselho, uma palavra ou uma lágrima. Pai que ouve, pai que corrige, pai que ensina. A vida de pai começa na metade do caminho e, início de um outro ser, frágil, que só é vida, porque tem um pai. Você começa a caminhar na mão do pai. Pai que preenche o seu mundo; o seu universo é entorno do pai. Que hoje, as vezes, velho cansado pede a sua mão, como você fez quando começou a caminhar com pernhas ainda frágeis.



Um dia você, filho, pode ouvir ele dizer que, não quer mais viver com tanto sofrimento, dê à ele as duas mãos e, procura entender com o teu carinho o quanto ele ti ama.

Cabo Nicaço, muito embora, seu nome completo seja Antônio José Raimundo, 74 anos, com a participação constante do seu braço direito José de Ribamar Daniel, 63 anos e, quase sempre de toda a comunidade da vila ao seu lado e, também, alguns participantes de fora, como por exemplo do Abraão.

Pai compreende tudo que é difícil, mas aos pouco perde as forças, o vigor para andar ao teu lado, ou para erguer te os braços, como fazia no início da relação, pai-e-filho.

Isso sem contar, é claro, os feriados enforcados que, o número de visitante aumenta na Vila e, é motivo para uma boa rodada musical e bebida no perua do Cabo Nicaço e Ribamar.

Pai sempre deseja ao filho, um mundo melhor do que o seu, mais farto de conforto material, mais risonho, mais garido.

E, os dias em que eles não aparecem no clube, bebem e festejam em outros lugares. Como no bar da Eliane e, ou o bar da Tereza, que ficam um nos fundos e o outro na frente, na chegada da pequena vila.

Eterno mundo na outra encarnação estará lá te esperando, para continuar sua jornada de pai, com amor, ... Gratidão e carinho, é o que você pode retribuí-lo.

Normalmente, levam a vida com alegria, costumam passar os seus momentos de lazer na sua própria localidade, em que, aprenderam amar desde muito cedo que como todos sabem, está localizada na praia de Dois Rios, a 11Km do Abraão e 20Km do continente, região Sul Fluminense, encravada entre as praias de Lopes Mendes e Parnaioça (que é o balneario preferido da colônia de moradores do antigo Presídio da ilha Grande - inicialmente Colônia Correccional, depois Colônia Agricola, mais tarde Instituto Penal Cândido Mendes e no final teve

OS PAIS

Comemora o seu dia no Clube da Perua

VILA DOIS RIOS, em 10 de agosto de 2003, reuniram-se os pais para comemorar o seu dia no local denominado Clube da Perua, conforme tornou rotineiro desse grupo de velhos jovens. Todos os seus inumeráveis amigos estão cansados de ser convidados para reunir ali em todas as datas comemorativas como esta. E, de saber que eles são homens de idade avançada, cansados e encarnecidos pela marcha inexorável do tempo.

o título DESIPECM).

Hoje, esse balneário de pais idosos onde vivem com esposa, filhos e netos, é a menina dos olhos do mundo turístico, onde vão cozinhar ao sol escaldante da Vila, quando são disputados pelo calor que se avizinha do verão do nosso fim de ano.

Assim, para comemorar a data, resolve a esposa do Jorge dos Santos Silva e de muitos outros em homenagear o grupo de pais da Vila, de certo modo foi uma passagem romântica ao lado delas, onde cada um a sua moda puderam retornar ao passado de juventude.

Embicaram, então, para a frenética dança ao som da música escolhida pelos pares da Vila, conhecida mundialmente pela sua concentração outrora da mais famosa prisão do Brasil e atual campus universitário.

Esta comunidade deixada pelo Estado traz para homens e mulheres, marido e esposa, doces recordações de um passado remoto, pois foi aqui, em Vila Dois Rios, que consumiram as suas vidas conjugais.

Naquele tempo jovens fogosos e turbinados, não tiveram tempo para conhecer a boa vida de hoje, pois passaram todo o tempo enfurnados no trabalho da penitenciária. O tempo que restou-lhes foram pouco para curtir os seus corpos ardentes e sebtos de sexo, que então viviam a plenitude de suas formas físicas e psicológicas.

Em clima de flashbeck total, embicaram então na direção de suas casas no final do dia, depois da festa e, assim que chegaram em suas casas, não sei o que aconteceu para completar a comemoração do "Dia dos Pais", provavelmente, fizeram questão de se hospedarem no mesmo quarto de suas casas de tantos anos atrás (com jogos de palavras parecidas no som que dão margem a imaginação) fizeram o favor... Como nas suas lua-de-mel solicitaram, mentalmente, o jantar no quarto, o mesmo cardápio daquela outrora noite inesquecível. Total

mente avontade e embalados, tremulos, com certeza, de desejos, jantaram à luz de velas como deve ter acontecido a 30 ou 40 anos atrás. Foi quando, talvez, a patroa, suspirou saudosa:

- ... meu bem estou sentindo aquele mesmo calor me subindo pelo peito, como na nossa primeira noite...

Aos que ele esclareceu na hora:

- É claro, meu bem, minha querida, os seus seios: esquerdo e direito, estão meio caídos...

No dia seguinte, era segunda-feira, ainda sob os efeitos da palavra caídos, esqueceram tudo, foram passear na prainha do pedrão e conhecer a vida no turna da Praia, que devido à essa população já de certa idade, provecta e senil como alguns de nós, acontece logo cedo, pela manhã.

Em seguida, foram os casais que gostaram e assim desejaram repetir a dose, beber a dois água na fonte cristalina, que, pelo seu conteúdo sulfuroso, faz bem aos intestinos e para potencia sexual (não necessariamente nesta ordem) duas coisas que, num homem dessas idades, só pegam com licença da palavra no tranco.

Devido aos efeitos revigorantes da bebida da festa regada a aguardente, vinho, cerveja, catuaba e perua, aconselho, a todos os casais, sempre que puder, pegar suas contribuições nos finais de semana e comparecer no Clube da Perua, para sempre ser incentivado pelas receitas do "Dia dos Pais", o nosso dia.

- Se o negócio é receita, é contigo mesmo: Ribamar, Nico, Jorge, Nunes, Larte, Goró e todos nós que não estamos naquela foto!

Até o próximo ano, se Deus nos ajudar fazer tudo de novo. No mesmo local com o carinho da Vila Dois Rios.

Meu muito obrigado e perdão pela brincadeira nesta forma de escrever passando o tempo, assim como você passa a vida na mesa da brincadeira.

Um abraço à todos amigos da Vila.

OBITUÁRIO - ABEL - 05.08.2003

Há 15 anos, no DESIPE-LB, nos reconhecemos, tu mostraste o caminho da verdade que mais tarde torna seu Memorial. Era tempo duro à combater o crime que hoje nos massacra, morre nas mãos desses marginais perdidos em velas de muitos esconderijos. Ouvi, compungido a tua matrícula 176, início de uma nova forma de

cantar o nosso tempo. Tecer todo o silêncio de nossos mortos. Levantar a voz por você ABEL SILVÉRIO DE AGUIAR.

Os TEXTOS e ILUSTRAÇÕES - são da inteira responsabilidade de Hotair, rua Parana n°09. Vila Dois Rios - Ilha Grande RJ

ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DA VILA DOIS RIOS

MOVIMENTAÇÃO FINANCEIRA

MÊS DE ABRIL

| | | |
|-------------------|-----|--------|
| Em caixa | C\$ | 49,25 |
| Receita | | 420,00 |
| TOTAL | | 469,25 |
| Despesas: Cerj | | 11,45 |
| parafusos p/carro | | 9,69 |
| SOMA | | 21,14 |
| SALDO | C\$ | 448,11 |

MÊS DE MAIO

| | | |
|------------------------------------|-----|--------|
| Em caixa | C\$ | 448,11 |
| Receita referente a 9 contibuintes | | 180,00 |
| TOTAL | | 628,11 |
| Despesas: Cerj | | 14,25 |
| ponteira | | 50,00 |
| mão de obra | | 38,00 |
| SOMA | | 102,25 |
| SALDO | C\$ | 525,86 |

MÊS DE JUNHO

| | | |
|--|-----|----------|
| Em caixa | C\$ | 525,86 |
| Receita referente a 23 contribuintes | | 510,00 |
| TOTAL | | 1.035,86 |
| Despesas: Cerj | | 13,50 |
| óleo freio e lubrificante | | 21,00 |
| parafusos | | 31,27 |
| cópia chave ignição | | 4,00 |
| 18L. óleo 40, 11L. óleo caixa e 71L. óleo 90 | | 180,00 |
| 2 câmaras de ar | | 80,00 |
| cruzeta transmissão | | 40,00 |
| SOMA | | 369,77 |
| SALDO | C\$ | 666,09 |

MÊS DE JULHO

| | | |
|--|-------|----------|
| Em caixa | C\$ | 666,09 |
| Receita referente a 35 contibuintes | | 740,00 |
| TOTAL | | 1.406,09 |
| Despesas: Cerj | | 11,19 |
| Comam, março até agosto | | 43,20 |
| anuncio edital eleição | | 50,00 |
| junta caixa mudança | | 10,28 |
| solda cárter motor da toyota | | 40,00 |
| cabeçote metal p/filtro óleo | | 36,00 |
| 18L. óleo 40, 1 filtro, 1 j. junta, 2 retentores, 1 c. bateria e 1 loctite | | 132,00 |
| 4 parafusos completos de aço | | 4,48 |
| 2 telex p/Rocha solicitando combustível na cabine do Abraão | | 6,30 |
| 5 ponteira e retentores | | 165,00 |
| 2 tubo cola borracheiro e 33 remendos frios para câmaras de ar | | 26,50 |
| 3 retentores e 10 arruelas de vedação | | 84,00 |
| 1 jogo de macho 3/8 e 12 parafusos completos aço | | 20,08 |
| 1 L. óleo hidráulico e 10 arruelas de alumínio | | 13,00 |
| Imposto de Renda à Receita Federal | | 515,07 |
| 67,6L. de óleo diesel | | 98,00 |
| Cerj mês de agosto | | 13,69 |
| 14 passagens lancha Conerj (4,55) p/assuntos da Associação | | 63,00 |
| 41,4L. óleo diesel | | 60,00 |
| frete | | 6,00 |
| telex p/Rocha nº 031 21 91622078 | | 3,65 |
| telex p/Rocha nº 031 21 92270235 | | 7,97 |
| SOMA | | 1.409,42 |
| Déficit | * C\$ | 3,33 |

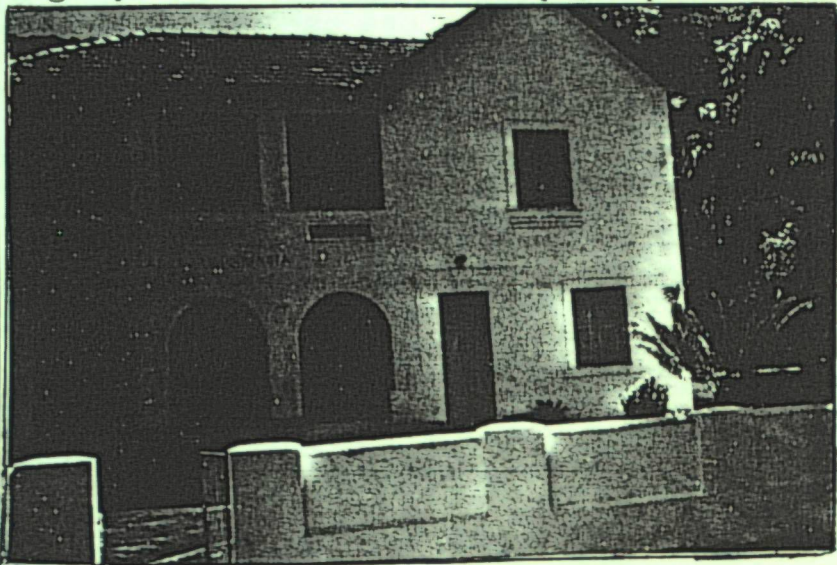
Responsável pela Tesouraria, JOSÉ MOISÉS DOMINGUES PEREIRA

Dados extraídos da Assembleia Extraordinária realizada no dia 22/08/2003.

A Escola Estadual Padre Júlio Maria
A Escola do nosso bairro

Sobrevive, crise

Esta é a primeira impressão que vem, reencontro com passado e presente que logo quando bate a vista naquele pátio não via há cerca de 20 anos. O mesmo entusiasmo de sempre, a mesma vontade de ler no aluno da comunidade, o mesmo desvelo das crianças de lá, apesar das dificuldades dos meninos daqui.



Esses aspectos físicos que envolve o ser humano é que, nos dar a certeza de que muito do processo ensino-aprendizagem depende da figura do diretor(a) da escola. Se ele é dedicado, conduz em harmonia o seu espaço, a sua volta, resultados concretos podem ser assinalados no aluno. E isso é típico na escola de lugarjo como o nosso e reduto da Ilha Grande. Mais tarde o rapaz, a moça na idade recordarão aquela bonita

com o prédio no meio, meio largado, de uma forma desanimadora provinda de algum lugar. Ali eu passo todos os dias e a minha consciência se encarrega de uma parção de coisas tristes; alegre por conhecer a mais de 25 anos o interior do prédio da escolinha, onde eu sei que, sempre teve e há iniciativas louváveis no âmbito da educação.

Esta mesma consciência serve-me de alguns atos críticos exigentes a respeito da crise, da crise pela que se sabe da cultura brasileira, produzida na base da escola pública que têm desancado a lenha a respeito do que se registra nas nossas escolas, especialmente as de procedência afastada dos grandes centros. Aprende-se pouco, na educação básica, e o que fica no cérebro, depois dessa passagem num estabelecimento apático, é praticamente irrelevante. Nem tanto ao mar, nem tanto à terra de onde vem o aluno. A média de aproveitamento é baixa, sabe-se por meio de estatísticas confiáveis da política educacional brasileira (PEB). Nossos alunos chegam à quarta série com pouquíssima retenção em aspectos essenciais, como a própria leitura, além de alcançar, mais tarde, a oitava série (quando chegam lá) sem conhecer devidamente os rudimentos dessa ou daquela outra matéria. É um conjunto de aspecto que envolve na aprendizagem. Sem isso, o que adianta usufruir dos benefícios da informática?

Vem lá um mergulho no interior da criança, por exemplo, mostra que qualquer incentivo anima o seu espírito. A propósito da leitura, estive espiando na Vila Dois Rios e no Abraão na praça. Uma bela oportunidade, também, para o

manhã de sol no pátio, onde foram recebidos pelos professores da primeira escola. Lembrarão com certeza dos poemas de Carlos Drummond de Andrade grudados e cantados. A cada espaço do muro, a cada metro do pátio, a cada parede, a cada corredor percorrido; se um poema havia colado, hoje está sendo declamado com muito sentimento, recordando o entusiasmo da diretora daquela inesquecível escolinha da sua Vila Dois Rios na Ilha Grande, transmitindo emoção aos que chegavam.

Depois na sala escassa, alunos da Padre Júlio Maria e co-irmãs, reproduziram cenas teatrais de um clássico brasileiro: A triste crise da escola pública. Com direito simplesmente à menção, um orgulho do Governo da época é tudo. Muitos aplaudiram, criando a necessária e, eficaz ambientação para o que se seguiram: a vida do estudante, do básico a universidade escolhida, sobre vem a vila que mais amei, com a defesa cadente do chamado gosto pela escola, que sempre nasce nos primeiros anos a contactar com o espaço físico (prédio, pátio, professor(a), diretor(a), e por aí, afora). A lembrança encerraram a participação neste mundo da educação. Que ganha ou perde-se o gosto dela.

Trata-se da forma como a criança é acolhida em seu lugar, berço de infância, nas instalações de uma escola, a sua escola, não foi diferente de um teatro para ela. Essas crianças prosseguem encontrando pela frente, em cada passagem da vida um novo ambiente cada vez mais numeroso: Hoje são dez, doze ou nem isso, amanhã não. Vão por certo encontrar, trinta, quarenta ou cinquenta

de 2003

alunos numa mesma classe, um patio com quatrocentos alunos e, professores for mando para o indivíduo um auditório, pa ra aplaudir. Um ambiente misto digamos formado por alunos: do Cefet, Liceu de Arte e Ofícios, Liceu de Humanidade, com poemas de Carlos Drummond de Andra de. Em seguida, neste mesmo ambiente surge uma palestra de um, e, outro gru po que seja motivadora à presença de concurso de redação, sobre por exemplo a escola que mais amei.

Por que estou dizendo estas coisas com tamanho entusiasmo? Isto parece-me que a rede estadual de educação não está "nem aí" conforme diz a música da Novela das dezoito horas na TV Globo "Malhação". Ora, meu Deus estamos depo is de um bem-sucedido passado, no ini cio da década de 80 quando se tinha Projeto, até de Manoel Bandeira. E se via uma indisfarçável vocação para as

artes no patio dessa escola - a Padre Júlio Maria, de um modo geral, sem fa- lar na defesa do nosso folclore. Caben do ao Estado o papél de estimular, atra vés de empreendimentos dessa natureza e, a diretora(o) tem todo o direito de provocar tais empreendimentos. Quando existe esse encontro de vontades, o su cesso é garantido e, o aluno é quem sai ganhando, a sociedade e o país lu- cram com a formação do indivíduo, bus- cando na comunidade os valores através da escola onde o Estado mantém um re- presentante (diretor ou diretora) que, está ali para isso. É maneira, também, de reagir as restrições impostas do al to ao ensino público. Por outro lado, é buscar na literatura uma saída para a Crise que atravessa a educação brasi- leira. Até parece que ela foi cortada, aqui nesta escolinha da Vila Dois Rios mas, mesmo assim pode sobreviver.

CONTANDO HISTÓRIA

Acredita que antigamente as pessoas do interior tinham medo de andar de ô nibus? Era assim mesmo no sertão das Minas Gerais como Braúnas interior de Itapetinga vizinha de Cel. Fabriciano, Timoteo, Caratinga e etc., - contou-me por certas vezes o interno Morada que vivia a contar histórias na grade da sua galeria no interior da Cadéia (Pe nitenciária Cândido Mendes) quando agen te estava lá de plantão, seu nome, se não falha-me a memória, era Marco Au- relio Morada o "Mineiro da 2ª Ala A", lembrava que muitas vezes sua mãe le- vou-o lá as festas dessas cidades, is- to lá pelos idos dos anos cinquenta, quando ele era ninguém, mais do que um pirralho de barra de saia de mãe, tia e amigas da mãe, que era filha de gente considerada rica nequelas terras de bu gre.

Lembrava que acordaram com seu pai, engabelando um monte de mulher em pâ- nico, entrando no ônibus e mandando que elas vestissem imediatamente suas capas mineiras de frio e fossem pro deck no fundão do trambolho, pois o ô nibus jogava e apitava com uma buzina velha de grito fino diferente das de hoje muito debaixo de alguns raios e um tremendo temporal.

Um raio caiu encima do ônibus, quando eles estavam indo de uma cidade daque- las pra outra, (Ipatinga-Braúnas), de- baixo de uma "trimbuzana", conforme des- taca que dizia aquela gente. Não tinha medo de ônibus, mas confessou que aque- le tranco inesperado lhe fez chamar a sua tia Mariazinha.

- A senhora não tem nenhum remédio pa

ra ..., perguntou ele.

Sem que ele terminasse a frase, que acabaria com calma, ela perguntou, apres- sada:

- Por quê? Você está enjoado?

Respondeu, como pirralho que era:

- Não, tô louco.

Foi o bastante para a tia arregalar os olhos e levantar para outro lugar mais seguro. Então fez o esforço de si comportar pensando que ele não iria fi- car realmente louco dentro daquele ôni- bus, que aquele medo das moças não era seu, também, mas sim daquela gente do in- terior, que tinha pavor de onibus e só viajavam de charrete desde que uma ami- ga velha enigmática muito sabida pres- sagiou que tua família morreria num acidente de trânsito. (Disse também que seu avô seria dono de todas terras vi- zinhas, o que jamais se concretizou). Mas, para ele, nenhum vate havia dito nada, então, pensou que os seus medos já eram suficientes e que não precisa- va incorporar a eles os de suas tias. Para isso olhou ao redor e, como todos estavam achando o fato de o raio ter caído em cima deles uma coisa normal, deixou a memória alucinante ti levar por seus infinitos labirintos e embar- car no Cometa da Viação interestadual que levaria ele e sua mãe de volta à Rodoviária do Rio de Janeiro.

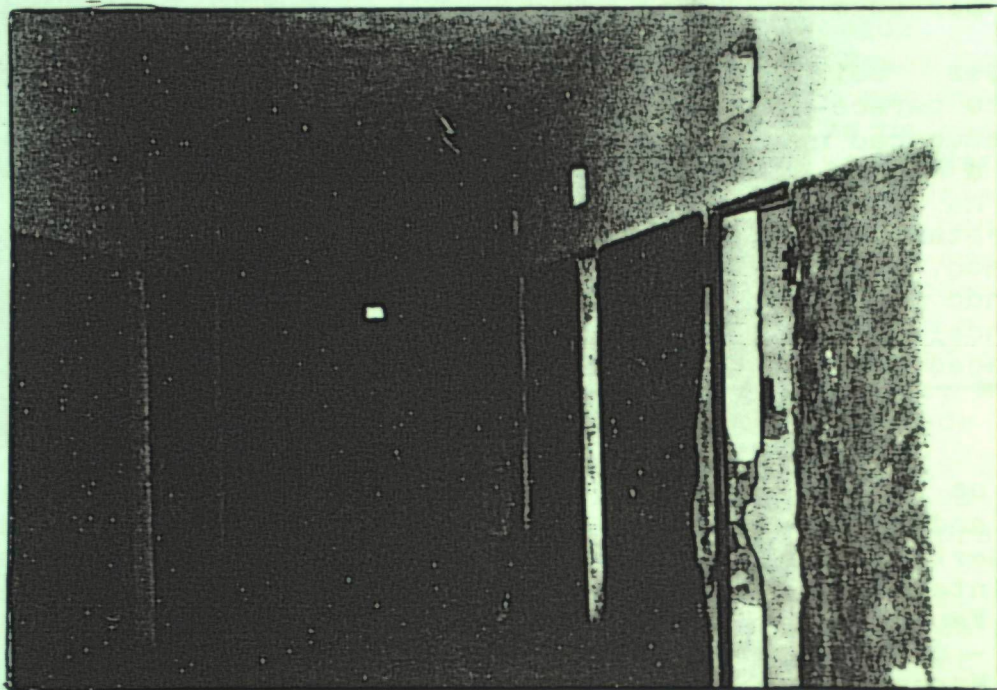
Ele e a sua mãe adoravam essas via- gens com direito a tias, amigas e babás aos prantos, na estrada deserta, olhando a paisagem distante enquanto o ônibus buzina, passando lentamente numa épo- ca ... Esta história continua na próxima Edição.

Reproduzindo o Presídio

O Corredor do Castigo

Era uma passagem fria e úmida que, se fazia por dentro da galeria A-I térreo do lado esquerdo do presídio visto de fora.

Caminhava-se por ali por mais de 100 metros até chegar num portão de ferro pesado e difícil de abri-lo, na divisó-



ria ser apagada a ferro e fogo. O guarda nunca deveria ter fraquezas. Bandido, ali, era bandido que pulava na sombra, no momento em que menos se esperava uma reação; ali se misturava ódio e traição, pedra e vida, deste local só se via o muro dos fundos, um pedacinho igualmente o céu, não via o sentinela que estava bem ali próximo, as lâmpadas, as grades dos fundos de um ferro que botava medo olhar, as paredes lisas e frias e o piso que, era de um cimento ensanguentado com sujo encrustado, desferido de pancadas na cara, pontapés na barriga, manchas vermelhas aqui e acolá. No ar parado da noite vazia, o grito, o gemido da dor, do frio no fundo da masmorra onde o vento fazia a curva cantando.

Lá se desmaiava seguro por mãos fortes que segurava e sacudiam, depois acordava zozzo, alheio, aéreo e dolorido. Era um lugar de pouca luz, guase sempre via-se alguém com esparadrapo na testa e nas canelas, uma atadura nas costelas, unha de um dedo ou mais dos pés, roxa, rachada e escabiosada. Lá era uma parte da prisão onde o mundo cobria-se de silêncio fundo. No túnel de cimento libertar-se dali as vezes custava muito e era a preocupação de muitos prisioneiros. Via quando era levado ao patio de sol, os defeitos físicos que o individuo adquiria com o tempo de castigo: como, olho fechado o outro aberto, a boca torta, o beijo inchado e o cheiro da morte que, o preso adquiria, por si já trazia impregnado no corpo: das grades, das celas e paredes.

O Pesão Branco era o próprio fedor, quando aproximava-se da porta da cela o mau cheiro vinha na frente a causar náusea, era um interno branco grandalhão e forte de olhos castanhos e nariz aquilino, cabelo bronzeado liso com as evidentes reminiscências ancestrais do lusitano, com seu vestígio de alma podre, indócil, cara de lua-cheia mas, o que chamava atenção no individuo era mesmo o famoso par de pé igual tanque de guerra, sempre descalços por que não havia forma para eles. Diz-se que, o dia que morresse os pés não caberiam no caixão fechado. Porém, era homem de pouca agilidade, muito astuto e desconfiado, aprimorado na acuidade dos

ria que dava acesso ao corredor, propriamente, do castigo. Ao entrar de serviço ia-se ao castigo, obrigatoriamente, a primeira impressão nunca havia sido das melhores que se tinha, ao entrar despertava o interesse de logo voltar. O castigo parecera sempre naquelas manhãs de reuniões habituais um assunto que, deixava agente cansado das notícias repetitivas de presos que, havia sido recolhido por mortes, brigas, desrespeito à polícia ou ao próprio guarda que sempre lidava com eles, motins, ainda mais as notícias que, outros presidiários estavam em buscas foragidos e nunca encontrados, - ficávamos sempre a trocar idéias sobre fatos pitorescos e hitórias, antigas ou recentes acontecidas no corredor do castigo do IPCM, quando o guarda ia levando o prisioneiro à quele local de celas do castigo para cumprir punição imposta pelo regulamento penal, tudo isso nos serviam nos serviços para comentários, tirados, citações e digressões quase filosóficas.

No corredor do castigo, ali se marchava entre rochas gigantes (paredes) pulxando as correntes das contradições, dos erros de si e dos erros dos outros mortais. Ao carcereiro não cabia sentimento, nem amarguras. O guarda ali tinha que ser o lado mau da espécie humana. O preso ali era a mancha que deve-

sentidos. O longinquo ancestral europeu transmitiu-lhe a tenacidade, a coragem, certos gestos artísticos e também certas fraquezas, como a de chorar. Cravou um afresco no piso do corredor das celas do castigo com os pés atávicos. Num dia, estava sobrio, capaz de suportar todas as privações do castigo, no outro estava entregue ao excesso de abatimento; de modo habitual, aparecia, em certos momentos transformado em jagunço, sem piedade alguma. A resistência física era a primeira a manifestar-se na imposição do meio a não suportar fadigas, privações. Na fisionomia apresentava muita disposição para o esforço e para a aceitação estoica da dor. Logo, facilmente, o julgáramos abatido, notando, por exemplo, o seu hábito fora das horas de pelepas - de conservar-se sentado no chão puro, de ficar de cócoras, recostado numa parede ou num apoio qualquer, com certa moleza, dorminhoco, como criança. Levantava tarde, depois de ter aquietado cedo. Já era o almoço chegando no corredor, abria-se o guarda a portinhola, escutávamos o homenzarrão roncando, sozinho na cela, quase sempre era a "11, 13 ou 15", cujo, eram bastante resistentes, enquanto os seus vizinhos de cela batiam em sinais ativos, a que pretendiam abrir durante um minuto a triste janelinha. Apenas clarear lá dentro, para ver, como diziam, a "barra do dia". Neste momento eil-os a receber o "broxante" dentro da cela e, logo depois, em pé perto da porta do cubículo permanecia, quebrando o jejum com bocadas do mate quente na caneca de plástico, a fim de repetir, antes de fechar a portinha. Só aquelas celas eram diferenciadas pelo rigor da construção forradas com uma malha de ferro no meio do concreto e por isso mesmo eram capazes de segurar aquele homem de muita força. Quando enfezado arrebatava qualquer outro tipo de cela arrancando porta e arrebatando grade. E se necessário derrubava uma parede, como se fosse um elefante. A sua verdadeira especialidade era capaz de matar a golpe, patada de mula.

Altas horas era quando o chefe da segurança ou o diretor mandava o Inspetor de Dia buscar um daqueles indivíduos para o interrogatório. Sentava-o no chão, faziam-lhe perguntas. Através delas ficava se sabendo que o indivíduo ou um outro era muito mais perverso, perigoso ou valente do que lhe parecia e, tinha implicações outras, que o distanciava de um vagabundo, simples assaltante de banco. As vezes os interrogatórios eram curtos, as vezes demorados a noite toda a ser levado para o

cubículo de acordo com o interrogatório para o "15", um antro onde o indivíduo abria uma tremedeira de frio e febre de tanto dormir nu no chão puro, de preferência um só em cada cela, no isolamento total que chegava a enlouquecer alguns presidiários.

A solidão prolongada fazia com que você, entrava e ouvia no corredor das celas do castigo o prêsco falando sozinho, com as paredes, com as grades, ou fazendo uma espécie de gritaria sem fim, discursos, contar histórias, assobiar, rir de gargalhada e chorar depois. Encostado na parede de um salpico aguçado de cimento e areia grossa, as vezes achando graça e olhando o desvão todo escuro e umido.

Uma vistoria nas celas deste local terminava muitas das vezes no pau, costas lanhadas de porrete de corrigir vagabundo ruim.

Dias e dias na solitária era momentos que deixavam reflexos profundos no indivíduo; era como pedra jogada no lago que, vai afundando num movimento de ondas concêntricas, uma sequência interminável de sofrimentos individuais, pois não sabiam distinguir sofrimento de prazer.

O corredor das celas do castigo era um lugar revoltado, cheio de mímica. A troca de palavra era feita através de senha com grito ou batida na parede ou no chão.

O prêsco do castigo depois de algum tempo lá, quando era posto a luz entortava a cara, os cabelos amassados com o sujo, ficava um betume preto, um olho olhando pra lá outro pra cá, aberto e outro muito fechado, a boca ficava torta se já não era, cheio de tiques nervosos, pertubado, sem futuro, puxando o para o fundo do poço.

E quando o interno do castigo era levado ao banho de sol que, era uma vez por quinzena lá se via a conversa grosseira de alguns deles: as vezes contando piadas indecentes, inventando histórias malucas só para falar. Onde ninguém ria. Quando abria a boca sem pudor, era um vagabundo sem possibilidade, neste momento suas falhas de dentes deixava ver as gengivas. Quando ouvia uma gargalhada no pátio de sol podia ser uma provocação que ridicularizava o indivíduo e isso servia de arenga para uns e arma à quem precisava sobreviver. Com isso outros presos se mantinham isolados, sem risos e histórias a narrar.

Ali parecia que todos os indivíduos pensavam a mesma coisa, somente em vingança, ninguém ali tinha pai, nem mãe, eram simplesmente bandido, gente da pior qualidade, só tinha ali no corre-

dor gente igual bicho, as vezes ficavam meses, anos cumprindo castigo, sucessivamente, por cometimento de faltas disciplinares como a de tentativa de fuga, quando cumpria um castigo logo voltava por cometimento de outra falta pior, desta vez já voltava direto para as celas de paredes e piso mais compactos e mais escura do que a própria noite por recomendação do chefe da segurança, estas solitárias eram revestidas para casos especiais e ficavam sempre a um canto do corredor. Mas como dizia ... bandido não tem coração, coração de bandido está na sola do pé. Bandido está no mundo para morrer. Não merece consideração. Lugar de bandido é na prisão ou debaixo do chão. E lá vem, mais um preso pelo corredor do castigo e o guarda com o porrete na mão, aquilo sim que era uma prisão para os que vieram e aqui ficaram e morreram.

Como vestiam, o que pensavam, que sonhos tinham, o que comiam pelas noites desconhecidas, se amavam as suas mulheres e filhos e que parentela deixaram, eis alguns dados sepultos debaixo dos escombros do psídio da Ilha Grande que nenhum pesquisador jamais revelará completamente.

Sei que chegavam com seus montes de tralha alcochoadas, cumprindo ordem da prisão de origem, muito parecidos com os presos do tempo fiel, com suas bermudas e camisetas, suas ceroulas e camisas de malha de algodão, a maioria com sua roupa de pano pobre de cadéia, algumas joia de metal branco e amarelo - e nada mais.

Não tinham quase nada, mas tinham uma fama incomensurável de ídolo, ou de excessiva obediência, que de ano em ano aglutinava em união, de dia, e de ordem a noite.

Tudo o que queriam eram centena e centena dessa submissão entristecida ao domínio do deus poderoso, que agora veio nos bairros de grande cidades.

Nesses temidos corredores do IPCM onde eram então numerosas as severidades cumpridas e corretivas, os prisioneiros: comuns, os prisioneiros de guerra, os revolucionários, os presos políticos, o assaltante, traficantes que, são esses presos mais conhecidos da prisão da Ilha Grande.

A prisão era uma caldeira quente e sobre esse fogo ardente o prisioneiro ergueu o seu bando chamado comando vermelho e a sua trama, silenciosa, unida e dura. Bando-marginais, a trama dos impassíveis, triste, covardes, malfeitor.

Tenho ficado parado, outras vezes caminhando muito pouco para olhar pelo deserto noturno da Vila Dois Rios.

Caminho agora pelos pátios da prisão e vou olhar algumas histórias desse trecho velho do cadeia da Vila.

A VILA é a pegada de um pé, quase igual ao formato da que se ficou no chão do corredor do castigo.

A terra, aqui, parece que modelada por um pé de preso, que nunca desgruda, assim comparo a pata do Interno Pesão cravada até hoje no chão lá debaixo do escombros e a Obra Divina aqui fora.

No peito desse pé está a pancada do mar azul, que se esverdeia junto às brancuras da praia curva, longa e solitária da Vila Dois Rios.

O mar engole os dois rios, que são também as maiores cachoeiras do planalto central desta vila, o da Barra Grande, e o da Pequena de cujas ribeiras manças nasce largamente a banheira dessa gente que de dia aparecem, vêm andar nas cordilheiras de escombros sobre as celas destas crônicas...

ERRATA

Este tablóide de "A Redação da Vila" informa ao seu público em geral que, o número da publicação do dia 10/05/03, foi equivocadamente editado como sendo "8ª Edição" o que, corretamente é a 9ª Edição, conforme deve ser lida. Esclarece ainda que foi devidamente corrigida no arquivo, ficando apenas em questão 200 exemplares distribuídas.

Atenciosamente,

O Editor.

R.V.

Eco-Museu

Local de Turismo Cultural

As vezes digo para alguns visitantes que vêm à Vila Dois Rios e se aproxima com indagação. Que há um grande projeto denominado "Ecomuseu", pronto a espera de verbas nacionais ou internacionais para o financiamento da Obra.

O Projeto envolve toda a Vila Dois Rios e parte da Ilha Grande, haverá o Museu do Cárcere e o Museu do Meio Ambiente que, serão implantados naqueles prédios velhos ali a sua vista, cujo, pode ser visitados para ver o que sobrou das prisões no local. E, que, são

na e c
o de 2003

feitas pesquisas por uma equipe de 15 professores sob a coordenação da Socióloga Myrian Sepúlveda dos Santos. A partir de sua implantação os museus vão ser o local onde o visitante vai encontrar respostas visíveis para todas as

dos ao cultivo de bromélias da região através do trabalho de equipes já em atividade que vão divulgar suas pesquisas de coleta e classificação elaboradas pelos Professores Carlos Frederico D.Rocha, Elisabeth Attala Mansur de

Oliveira, Joel Creed, Marcelo Sperle Dias, Maria Alice dos Santos Alves e Rosane Mazzoni Buchas e, plantas medicinais, úteis no enriquecimento da experiência científica da flora e ornamentação. O local é hoje quase inconcebível ao visitante, que vem de várias partes dos continentes ver e regressa sem quase entender pela tamanha destruição e depredação que ocorreu gradativamente nesses anos.



Futuro:

Museu do Meio Ambiente: Construção do século 19, com 4 galpões do tipo celas coletivas depois usadas como depósitos de material da cadeia de 1940 à 1994.

suas perguntas. O complexo contará com um Centro de Recepção previsto para funcionar na Vila Abraão, a princípio no Casarão onde será divulgadas as atividades do sistema e, ainda naquele local desenvolverá atividades voltadas à moradores envolvidos no trabalho turístico.

Acrescento, ainda, ao visitante que o Museu do Cárcere será no local dos escombros do Presídio, contará com salas de exposição, parque de visitação, arquivo, biblioteca e centro multimídia no prédio do antigo cinema. O Centro será um importante expositor de filmes e vídeos relacionados à preservação da memória narrada por antigos companheiros (Guardas Penitenciários e Policiais Militares) do local, detentos e moradores da ilha. Que será coordenado pela Professora Patrícia Monte-Mor, reconhecida na área de antropologia visual. E não para por aí, a população vai poder continuar, o que é mais importante, contando suas histórias sobre qualquer tema relacionado ao resgate do passado das gerações de um modo geral, numa sala previamente preparada para isso. Esse amplo aproveitamento será uma forma viva da lenda para formação da memória.

Os antigos pátios do Presídio serão aproveitados para os "Hortos" destina-

ta Vila Dois Rios, distrito da região Sul de Angra dos Reis, revela-se como boa opção para os amantes do Turismo Cultural. Localizada a quase 150 quilômetros do Rio. Vila Dois Rios tem casarões históricos construídos nos séculos 19 e 20, que marcam o período das grandes prisões federais na ilha. O grande destaque do roteiro é o prédio da primeira prisão, cujo telhado se encontra desabando aos poucos. O complexo arquitetônico, tido como um dos mais belos pontos turísticos da região, abriga um conjunto de residências habitado por descendentes da Unidade Prisional. Aqui foi gravado recentemente, mais um filme sobre a história de prisioneiros. O prédio da primeira prisão pertence, hoje, ao Museu do Meio Ambiente. Escolhido há um ano e meio, o patrimônio histórico é compreendido por 60 residências, ruínas de um outro tanto, casarão dos antigos diretores, quartel atual CEADS e uma igreja do início do século 20 que sua história vai remontar o tempo da escravidão nos séculos 18 e 19.

A melhor forma de conhecer Vila Dois Rios vai ser através do Eco-Museu com seus grupos de visitantes. Guias locais contando a História do local desde o tempo dos piratas, passando pela época da escravidão, organizando paradas.

RECLAMAÇÃO

PENSA UM POUQUINHO MAIS NO SEU VIZINHO QUE, AINDA RESISTE, AO INVÉS DE PENSAR SOMENTE NO TURISTA.

A ESTRADA QUE LIGA A VILA DOIS RIOS À VILA DO ABRAÃO, FOI ALVO DE PROCESSO JUDICIAL, POR PARTE DO DIRETOR DO PARQUE FLORESTAL DA ILHA GRANDE E CRÍTICA DE O JORNAL "O ECO".

A Comunidade se reúne e decide fazer os protestos

Hoje, 07/08/03

O senhor Claudinho nos procura na Vila Dois Rios, estou formalizando os motivos pelos quais este Administrador, nosso amigo, veio ao nosso encontro, a tratar de assuntos que na verdade são nossos, isto por que, algumas pessoas que não conhecem bem a Vila Dois Rios, nem conhecem ou não sabiam que, a estrada existia ligando esta comunidade ao Porto do Abraão, apesar dela ser uma construção tão velha quanto a própria comunidade. Principalmente no que tange à nossa grande prioridade, que é a estrada em boas condições de transporte, capaz de levar a Vila ao Porto com menos tempo, sacrifício e economia, não só para a comunidade, também para a Universidade (UERJ). Não é razoável criticar o sistema da manutenção que, nasceu num período anômalo da vida brasileira. O que todos nós temos aversão mas, foi a ditadura na década de 40, quando foram construídas as casas do Estado que forma a nossa Vila Dois Rios, vivia-se ainda sob o domínio autoritário de Getúlio Vargas. Só esse fato é o bastante para condenar a iniciativa que ganhou força no Editorial do citado Jornal do mês de julho do corrente ano, nº 43. Atravancando sistematicamente o futuro, na sua dupla vertente de reposição acurada de assistência material com obra de qualquer órgão público municipal, cujo, dependemos em muito e, só agora deram conta de que a estrada possui suas saibreiras, ou seja, o local onde se extrai a mistura de terra e cascalho, usados no conserto que faz parte da manutenção desta via de acesso de moradores da Vila Dois Rios, funcionários, alunos e professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Podendo e querendo fazer uso de igual para igual, qualquer

cidadão deste Planeta. Os que o jornal chama de "turista".

Só os senhores meus caros: Reporter de o ECO e o Sr. Administrador do PEIG sediados na Vila do Abraão não se dão conta do mau que, estão fazendo à uma comunidade vizinha que, tem inúmeros problemas como o de trânsito (ida/volta), neste mesmo trecho em que foi questionado por um lado no processo e outro na 2ª página do respeitável Jornal citado.

Nosso muito obrigado pelo o que, os senhores fizeram contra nós aqui na Vila Dois Rios depois que, imploramos pelo amor de Deus à PMAR para consertar a estrada que temos hoje em certa condição de afluência.

Cabe, neste momento dizer lhes que há vidas em jogo, os senhores estão aí do outro lado da montanha sem nenhum problema desta ordem, para o deslocamento que, seja para as compras e viveres do dia-a-dia, para o médico, para a escola e etc., ainda mais querem que eu diga - seja para a emergência nas horas menos desejadas da vida de um cidadão, desde uma simples criança até um ancião respeitável, que justamente foram motivos de maior preocupação nossa aqui na Vila Dois Rios e das nossas autoridades lá fora, na hora de nos receber para tratar das necessidades dos consertos que, foram realizados na estrada.

Por outro lado, nós moradores somos mais conhecedores do meio ambiente do que os senhores, isto por que soubemos preservar e conviver este tempo todo (mais de meio século), com a natureza, até agora sem agredi-la, não é agora que fomos fazer ou permitir, que tal coisa aconteça.

É PRECISO SEMPRE RECORDAR

O destino que era branco,
branco agora, é a paz que me devora.
A morte que me adora.
Corro e choro: Dorme, acorda. Como
me lembra nesta hora.
Todas as coisas já foram ditas

mas, como poucos escutam, é preciso
sempre recordar escrevendo,
o que agora estar vendo.

Eu já escrevi o Meu destino
sei lá, se isto é destino.
Talvez é o fim de uma coisa ruim.